

## RESENHA

# AS EXPERIÊNCIAS SOCIAIS DA MORTE: DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES

**Nathalia Monseff Junqueira**

A coletânea *As experiências sociais da morte: diálogos interdisciplinares* é organizada pelos historiadores Luciane Munhoz de Omena e Pedro Paulo Abreu Funari e agrega estudos acerca da morte por diversos primas em diferentes contextos históricos. Devido a essa característica, a obra foi dividida em duas partes, uma para o mundo antigo, e a segunda, que trata de artigos voltados para o mundo moderno e contemporâneo. O volume se preocupa com o diálogo que possa ser estabelecido entre passado e presente referente ao tocante de como os povos assimilavam a experiência da morte em seu contexto histórico e cultural.

A primeira parte do livro, intitulada *Morte e memória nas sociedades mediterrânicas (sécs. VIII a.C. – IV d.C.)*, inicia-se com o capítulo *No limiar da morte: Homero*, escrito por Ana Paula Pinto que analisa as obras *Ilíada* e *Odisseia* pela ótica da morte. A autora afirma que a única certeza que os mortais e os heróis têm é a finitude de sua existência e da possibilidade de seu esquecimento. Entretanto, as duas personagens principais permanecem na memória dos vindouros, devido a suas façanhas excepcionais nos poemas

homéricos. Na Ilíada, Aquiles, herói extraordinário, participa da Guerra de Troia consciente da sua morte prematura. Ele ganhará a glória incomparável e eterna, porém mesmo sendo um herói, não usufruirá da eternidade.

Na Odisseia, o cenário é o regresso de Ulisses para Ítaca. Esta obra apresenta um novo tipo de herói: aquele que aceita e enfrenta as mais diversas situações que lhe são impostas, devendo escolher as mais acertadas decisões para cada ocasião. A morte também está presente, já que Ulisses visita o Vale das Sombras, ainda vivo, para ouvir as profecias sobre de Tirésias. Ulisses inaugura um novo modelo de herói: apesar das circunstâncias adversas, é possível alterá-las buscando preservar a vida.

Luciane Munhoz de Omena e Pedro Paulo A. Funari no capítulo *O ridículo de um funeral: a simbologia da morte na sátira Apocolocyntosis de Sêneca*, analisaram as representações funerárias a partir da sátira *Diui Claudii Apocolocyntosis*. O foco dos historiadores é a teatralização do funeral, pois se tornou um espetáculo de poder no Império romano. A *pompa funebris* se iniciava no *domus* do Imperador falecido, e depois seguia pelas principais ruas até o *fórum*. O funeral desempenharia duas funções importantes: a separação entre o mundo dos vivos e o dos mortos e reforçaria os papéis sociais que cada segmento presente desempenharia naquela sociedade.

Dessa forma, a casa imperial ganhava uma dimensão pública e, assim, o círculo familiar do imperador incorporava virtudes, como a *clementia*, a *iusticia*, a *pietas* e a *auctoritas*, formando a identidade institucional dos romanos. As representações sociais e culturais expostas nos cortejos fúnebres eram responsáveis pela criação de uma memória que seria compartilhada na sociedade romana. Os participantes desses rituais reforçavam os papéis sociais e a identidade a ser compartilhada por seus membros; um modelo transmitido a todo o Império.

Em *A representação da morte nas moedas de Constantino*, Cláudio Umpierre Carlan observa que os Imperadores romanos, como emissários e representantes dos deuses no mundo terrestre, passaram a divinizar tudo aquilo que estava ao seu redor e as moedas se transformaram em um instrumento importante do Império romano, pois propagavam as imagens que caracterizavam o Imperador, servindo de propaganda política desse líder. Com Constantino I isso não foi diferente: mesmo após a sua morte, em 337, a cunhagem de suas moedas continuou a ser realizada.

Nesse artigo, Carlan demonstra a importância do uso da cultura material para a interpretação dos acontecimentos históricos. A moeda, atualmente, é explorada dentro do campo das representações sociais e culturais, pois ela circulava por todos os territórios que constituíam o Império, levando uma configuração de poder, ideologia e cultura que caracterizava aquele sistema político.

Na segunda parte do livro, denominada *Morte e arqueologia sob o viés moderno e contemporâneo*, Claudia Rodrigues, em seu artigo *As experiências da morte do Rio de Janeiro colonial*, aborda as crenças e práticas funerárias africanas, católicas e indígenas observadas no Rio de Janeiro no período colonial.

No caso indígena, a prática antropofágica era comum entre os habitantes dessa região. Essa prática fazia parte da vingança pelos antepassados mortos, que motivava esses povos a guerrearem entre si. Esses rituais eram criticados pelos missionários, pois estavam envolvidos em atividades consideradas como idolatrias, paganismo e canibalismo. A Igreja iria atuar contra essas práticas nos discursos de evangelização dos nativos. O recurso da punição após a morte sem o preparo devido também foi destino para os católicos que aqui residiam. Assim sendo, a Igreja católica adotou um discurso

amedrontador, assegurando que os fiéis iriam cumprir os ensinamentos e doutrinas, uma vez que poderiam ser afetados pela condenação divina.

As práticas funerárias africanas também sofreram influência da catequese destinada aos cativos na colônia. Como muitos africanos eram enterrados sem os rituais católicos, foram formadas irmandades dos chamados “homens de cor”, como afirma a autora, para que as práticas funerárias destinadas aos católicos fossem oferecidas aos africanos, garantindo um sepultamento digno a esses sujeitos sociais.

Apesar da imposição da Igreja católica na observância dos rituais fúnebres na colônia, a autora afirma que as outras práticas funerárias não foram suprimidas nessa região. Diferentes rituais caminharam juntos ao longo dos séculos, pois havia momentos de resistência e permanência no processo de evangelização desses grupos. As trocas culturais ocorriam a todo o momento, influenciando os diversos costumes de preparação da alma no Rio de Janeiro no período colonial.

*A morte, o morrer e o papel social da arqueologia na sociedade contemporânea*, escrito por Louise Prado Alfonso e Jaciana M. Gonçalves Araújo, tem como objetivo demonstrar como a Arqueologia, que trabalha com diversos significados dado a morte em diferentes sociedades ao longo do tempo, pode ser utilizada para se tratar dessa temática com crianças, tema considerado como um tabu. Diferente dos adultos, a criança elabora outros processos cognitivos para compreender a morte, mas ela está apta a realizar tais processos. No estudo de caso abordado pelas autoras, os professores de três escolas no sul da Bahia foram convidados a refletir acerca das referências culturais acerca dos achados arqueológicos encontrados naquela região.

Nas oficinas ficou evidente o desconforto gerado nos professores a respeito da temática da morte. Dessa forma, palestras com esse conteúdo

foram realizadas junto aos alunos, através da apresentação de imagens de tipos de sepultamentos do passado e da atualidade, demonstrando como as diferentes sociedades em distintas épocas lidaram com a finitude da vida. Destarte, tornou-se evidente a contribuição da Arqueologia para a problematização de questões cotidianas, como a morte e a finitude, auxiliando na simbolização do luto na infância.

O objetivo de Maria Elizia Borges no texto *Um olhar indagador sobre os cemitérios: as representações modernas da morte* é pesquisar os monumentos funerários que se inspiraram em elementos mais modernos de ornamentação sem abandonar os símbolos profanos, religiosos e sociais. Os elementos presentes nessas obras são a dor, o prazer e o amor, sentimentos universais que a humanidade apresenta no momento da perda de um ente querido.

Ao longo do texto, Borges analisa diversos monumentos funerários modernistas encontrados em cemitérios no exterior como também no Brasil. Nos cemitérios-museu, ou cemitérios secularizados, encontramos os jazigos particulares familiares ou individuais, de diversas formas, tamanhos e ornamentação. Construído de acordo com uma planta padrão, com quadras distribuídas de forma alinhada e mantendo algum tipo de vegetação, o cemitério-museu, com seus túmulos, torna-se um local de contemplação da memória, como um museu a céu aberto.

No Capítulo *In Memoriam*, dedicado à memória de sua mãe, Flávia Marquetti discute a importância da imagem na criação da lembrança dos ausentes. De acordo com a autora, os monumentos funerários, ao serem visitados, produzem tanto o sentimento da dor da perda, mas também da finitude da vida, que atingirá todos os seres vivos.

Para a autora, os rituais funerários, criados em diversas seitas religiosas e em diversos contextos históricos, têm como função dar continuidade ao ciclo da natureza: nascimento, morte e renascimento. Os santuários na Antiguidade, ligados aos rituais de fertilidade e morte, apresentavam elementos fundamentais na associação entre o mundo dos vivos e dos mortos. Os locais de sepultamento, sejam na Antiguidade ou no contexto atual, mantiveram-se como espaço de separação entre os vivos e os mortos, de conservação das lembranças e da manutenção da filiação.

O último capítulo da coletânea, *Rituais funerários na região do Pantanal de Cárceres, Mato Grosso, Brasil*, Nanci Vieira de Oliveira e Luciano Pereira da Silva exploram os rituais funerários dos assentamentos indígenas na região designada Pantanal de Cárceres ou Descalvados do século XII e XIII. Esta área é classificada por uma diversidade étnica complexa, com diferentes grupos indígenas que apresentam assentamentos e uma cultura material semelhantes entre si. Nesse contexto, os autores analisam os rituais funerários quanto ao número de indivíduos, tratamento dado aos corpos, os acompanhamentos funerários e os tipos de sepultamentos, que podem auxiliar na correlação entre idade, gênero e prestígio social.

A análise de todos os dados coletados nos sítios indica que os ossos desarticulados representariam o esquartejamento realizado nos inimigos capturados, uma forma de intimidação, uma prática que seria comum entre várias etnias. O uso dos adornos significaria que o indivíduo ocuparia uma posição de destaque na sociedade. Os conflitos interétnicos também estão evidentes nos sítios, uma vez que foram encontradas marcas de material perfurante nos ossos, além de marcas de seccionamento nos ossos humanos.

A coletânea atinge o seu objetivo principal ao constatar que o fenômeno da morte pode ser inserido dentro de um processo histórico e, através das

fontes históricas e da cultura material, perceber as mudanças nos diversos contextos e sociedades dos rituais e das práticas funerárias aplicadas ao morto. Ao relacionar diferentes abordagens sobre a morte, os autores, especialistas no campo da História e da Arqueologia, balizam a possibilidade de que as pesquisas sobre a representação da morte possam ser estudadas no campo da História Cultural.

Em todos os artigos, a preocupação com os rituais a serem realizados com o morto era um tema recorrente nas sociedades estudadas. A preparação do corpo, o cortejo, e o local do sepultamento demarcam o local social que aquele indivíduo ocupava naquela comunidade, podendo ser o responsável pela sua identidade e unidade, como era o caso do Imperador romano, como afirmam Omena e Funari.

Os locais do sepultamento têm um significado importante nas diferentes sociedades abordadas nos artigos. Eles eram escolhidos para estarem próximos das ocas ou roças, mais ligados à natureza, como grutas e florestas, ou planejados, como os cemitérios. O importante é que são espaços nos quais as memórias coletiva e individual se fundem. Nos cemitérios-museu as esculturas que ornamentam os túmulos acabam se tornando locais de visitação dos familiares, mas também para a admiração das obras ou para a manifestação de idolatria ou de expressão livre, como demonstrou Borges na análise do túmulo de Oscar Wilde. Os enterramentos indígenas revelam a preocupação individual com a alma do morto, para alcançar a *terra sem mal* e a construção da memória coletiva daquele assentamento.

Outro aspecto que permeia todos os textos é o medo do esquecimento após a finitude da vida. Dessa forma, diferentes práticas sociais e culturais são adotadas para a rememoração dos mortos. A cunhagem de moedas com o busto do Imperador falecido ou as imagens que permeiam os jazigos

são maneiras de manter, sempre viva, a lembrança de um ente que não está mais entre os vivos. No caso de Aquiles e Ulisses, a reprodução das façanhas extraordinárias, a capacidade de encarar as situações impostas e a inevitabilidade do envelhecimento e da morte permitem, a ambos, alcançar a glória, assegurando sua permanência na memória dos vivos.

O leitor, ao final do livro, é levado a pensar a sua relação com a finitude. Por diferentes razões a morte, inevitável para os seres vivos, não faz parte das discussões cotidianas das sociedades. Ainda um tabu em muitas sociedades, a dor e o sofrimento da perda acabam sendo colocados à distância, impedindo que o processo de luto seja totalmente realizado. Os artigos aqui reunidos examinam como cada sociedade, em seu contexto histórico, elaborou o processo da morte em representações culturais e sociais diversas, reconfigurando a ausência do corpo e permitindo diversas reflexões a respeito da relação entre a vida e a morte.